



Um podcast original da Rádio Novelo

Episódio 60

O lugar das meninas

ATO 1

Branca Vianna: Pelo amor de Deus! Eu vou ficar com medo de olhar, que eu vou ficar com medo de as pessoas se machucarem...

Gilberto Porcidonio: [Risos]

Branca Vianna: Tá começando o Rádio Novelo Apresenta.

Gilberto Porcidonio: Eu já fui um...

Branca Vianna: Você já se machucou?

Gilberto Porcidonio: Eu já...

Branca Vianna: Eu sou a Branca Vianna.

Branca Vianna: Essa é a coisa mais distante do meu universo que possa existir [risos].

Branca Vianna: Um dia desses eu sentei com o Gilberto Porcidonio pra gente conversar sobre uma coisa que é muito familiar pra ele. E nada familiar pra mim.

Branca Vianna: Vai lá, me conta que que é uma roda punk [risos].

Gilberto Porcidonio: [Risos] A roda punk é quando você encontra um show de rock – agora não só de rock, agora tem de trap, tem em música baiana, tem muitos grupos assim também, até no pop tem isso – que é: você encontra várias pessoas dançando ao mesmo tempo, como se fosse num bololô só, com braços e pernas de um lado para o outro, e com muito toque, com muito encostam, com muito calor humano, nesse sentido, né? Que tá todo mundo dançando junto, se esbarrando, propositalmente mesmo.

Gilberto Porcidonio: Eu tava rindo enquanto falava disso com a Branca porque apesar de eu já ter trabalhado anos com jornalismo musical, ter feito cobertura de show, ter entrado em muita roda punk e até ter tido o meu momento como vocalista de banda de rock, essa foi a primeira vez que eu precisei teorizar sobre o que é e como funciona essa tal de roda punk. Que aliás também pode ser chamada de mosh pit, ou de roda de pogo...

Branca Vianna: Roda de quê?

Gilberto Porcidonio: Roda de pogo.

Branca Vianna: Pogo?

Gilberto Porcidonio: Pogo. Como se a pessoa tivesse pogando, como se chama né.

Branca Vianna: O que que é isso?

Gilberto Porcidonio: Ficar pulando.

Gilberto Porcidonio: Você deve lembrar do pogo – tinha o pogo ball e o pogo stick –, aquele brinquedo de pula pula, que você subia nele e saía pulando por aí.

Gilberto Porcidonio: [Risos] Mas tem essa e essa coisa do pogo, né? Do pular e do dançar pulando, dançar pulando e se jogando nas outras pessoas. Que às vezes as pessoas dançam como se, como é como se estivessem dançando que nem o Chaves quando tá animado (risos). Que o Chaves quando tá animado ele fica "e não sei o que, e não sei o que, e zás!". E ele fica com o braço e com a perna assim. Então imagina, sei lá, 500 Chaves dançando do teu lado.

Gilberto Porcidonio: Imagina 500 Chaves possuídos pelo ritmo do punk rock.

Gilberto Porcidonio: E é muito comum as pessoas acharem que é uma grande briga.

Gilberto Porcidonio: Digamos que não é lá muito fácil descrever a roda pra quem nunca viu ou participou de uma.

Gilberto Porcidonio: Aí dentro da roda punk, você tem as variantes. Tem o circle pit, que é quando todo mundo dança rodando como se fosse uma grande ciranda gigantesca, com várias pessoas rodando ao mesmo tempo. Tem o que eles chamam também de Wall of Death ou Paredão da Morte, que é você dividir o público (risos) em lado A e lado B e em algum momento fazer esses dois grupos se encontrarem no meio da pista, como se fosse uma horda de guerreiros medievais (risos). Uma coisa meio assim, acho que essa é a melhor definição.

Branca Vianna: Quando encontra, o que que acontece?

Gilberto Porcidonio: O objetivo é que as pessoas se encontrem no meio e tenham realmente a sensação de você está se chocando com esse mar de gente, então você vai se protegendo, vai andando, vai todo mundo te batendo, subindo em você e tudo. Mas, nas condições normais de temperatura e pressão, ninguém deve sair machucado.

Gilberto Porcidonio: E aqui a gente chega no cerne da questão – ou no centro da roda. Todo esse meu momento Wikipédia não aconteceu porque a Branca tava

doida pra saber tudo sobre roda punk. É que nos últimos tempos eu me peguei pensando muito nessas tais "condições normais de temperatura e pressão" que a roda precisa ter.

Branca Vianna: Eu vi muito homem nesse vídeo que você me mandou. Tem mulher também que faz essas rodas junto?

Gilberto Porcidonio: É, essa é uma questão...

Gilberto Porcidonio: A questão é: essas "condições normais" são "normais" pra quem? Essa pergunta me fez lembrar de uma história de uma amiga minha. A Fefa. Que, na verdade, chama Fenícia Contreiras.

Fenícia: Eu tenho 38 anos, trabalho em navio de cruzeiros pelo mundo afora. E eu comecei a gostar de rock quando era adolescente. Comecei a ouvir Planet Hemp e aí comecei a me interessar também por bandas mais underground...

Gilberto Porcidonio: Eu conheci a Fefa muitos anos atrás, justamente por causa dessa cena underground carioca dos anos 2000. A nossa maior diversão era desbravar shows e rodas pela cidade. E foi numa dessas andanças que um dia, em 2005, eu precisei socorrer a Fefa.

Fenícia: Eu vou ser muito sincera, assim. Eu mesma não lembro de muita coisa, porque foi uma coisa muito rápida.

Gilberto Porcidonio: Então deixa que eu começo. A gente tava na praça de Rocha Miranda, na Zona Norte do Rio.

Fenícia: Em Rocha Miranda tinha esse show underground e tal, no meio da praça que a gente ia. A gente tava na roda e tal...

Gilberto Porcidonio: Aí bem no meio da roda, na frente da Fefa, surgiu um cara com o uniforme completo do headbanger – ou, se preferir, do metaleiro. Cabelo grande, roupa de couro, corrente no pescoço e bracelete com spikes, que são aqueles espinhos de metal. Ele tava lá, pulando e girando os braços sem parar. Até

que no meio da empolgação, o braço dele – com o bracelete de spike – foi parar na cara da Fefa.

Fenícia: E aí eu levei um soco no meio da roda. E a minha boca literalmente abriu igual uma couve-flor. Eu tava um pouco bêbada, então no momento aquilo não me assustou muito, na verdade. E depois eu comecei a ficar um pouco mais assustada.

Gilberto Porcidonio: No desespero da situação, eu e outros amigos que tavam junto, a gente pegou a Fefa e entrou na primeira van que passou. Foi todo mundo pro hospital.

Fenícia: Eu levei catorze pontos, alguns internos, alguns externos e pra mim... Além disso, eu era uma adolescente, não digo uma adolescente, mas uma jovem adulta de vinte anos. Imagina eu sair de casa para um show que, na verdade, minha mãe nem queria que eu fosse. E eu voltei às seis horas com a beija cheia de pontos. Inclusive, se ela estiver ouvindo hoje ela vai descobrir que eu levei um soco no meio de uma roda punk. Porque, na verdade, pra ela eu falei que eu levei um tombo e bati com a boca no meio fio.

Gilberto Porcidonio: A gente espera que essa revelação não gere nenhuma crise na família da Fefa. Mas lá em 2005, aquele soco deu uma balançada na relação dela com as rodas punk.

Fenícia: Depois eu fiquei até um pouco traumatizada com isso e comecei a entrar na roda com muito mais cautela. E, com o passar do tempo, eu acabei parando. E eu posso dizer assim que foi bem por esse episódio.

Gilberto Porcidonio: Tinha sido um acidente. Em teoria, aquele machucado podia ter acontecido com qualquer pessoa. Mas tinha outras coisas que a Fefa notava sobre o que significava ser mulher – ou menina – numa roda punk.

Fenícia: Assim, de coisa de violência que acontece na roda punk só por ser menina, eu até senti muito mais assim nesse período que eu comecei a me afastar. Porque quando eu comecei a me afastar, eu comecei ao invés de

entrar na roda – assim no meio da roda –, eu comecei a participar da roda assim ficando mais na parte na área externa, mas mais na parte de fora. E acontecia muito dos meninos que nem estavam na roda de empurrar a gente pra dentro da roda ou, então, de puxar o nosso cabelo ao mesmo tempo que empurrava o nosso joelho pra gente pra gente cair de joelho. Ou então já estive também situações de que pessoas, literalmente, me tiraram da roda, me pegaram no colo e me tiraram da roda e falaram: “Não, aqui não é lugar de menina. Você não pode participar da roda”.

Gilberto Porcidonio: Aquele dia que a Fefa levou o soco foi a situação que deixou mais escancarado pra mim o quanto que a roda punk é um ambiente masculino.

Beleza, dá pra dizer que os ambientes de rock no geral – infelizmente – são bastante masculinos. Mas a questão é que na roda punk isso parece ser elevado a mil. Parece que ali, no meio daquele bololô de gente pulando e se batendo, essa "masculinidade" toda gosta de se expressar de um jeito bem explícito. E até tóxico, ou machista.

No caso da Fefa foi agressão física, mas rolam casos de assédio também. E conversando com a Fefa, eu fiquei pensando que, por um lado, participar da roda dá uma sensação de rebeldia pra quem é mulher...

Fenícia: De estar ali fazendo uma coisa que, teoricamente, só os meninos eram permitidos a fazer. Então isso dava uma, digamos, uma sensação de poder...

Gilberto Porcidonio: Mas por outro lado, fica essa ideia de que a roda não é "lugar de menina". E claro que esse papo não faz sentido nunca, mas faz menos sentido ainda quando a gente tá falando de roda punk. Do objetivo dela, e do que, afinal de contas, leva as pessoas pra dentro desse bololô.

Fenícia: O que mais me atraía na roda era exatamente a sensação de liberdade que a gente tinha.

Gilberto Porcidonio: Tá no meio da roda dá uma sensação de liberdade. É um negócio de sentir a música, de deixar o corpo se expressar livre. Mas essa liberdade não é a mesma pra todo mundo. E como faz pra mudar isso?

Recentemente eu passei a prestar mais atenção numa coisa interessante que tá acontecendo em alguns shows.

Chaene da Gama: E a roda das minas, Charles? Eu quero a roda das minas.

Gilberto Porcidonio: Essa gravação é de um show da banda Black Pantera no Rock In Rio de 2022. É do momento em que eles fazem uma convocação só pras mulheres formarem na roda.

VÍDEO BLACK PANTERA FAZ RODA PUNK FEMININA NO ROCK IN RIO

Cadê as minas aí? Todas as rodas são das minas.

Chaene da Gama: Gilberto, a quantidade de mulheres que nunca foram na roda...

Gilberto Porcidonio: Esse é o baixista do Black Pantera, o Chaene da Gama. A militância antirracista sempre foi muito forte na banda. E o Chaene me contou que conforme eles foram crescendo e fazendo mais sucesso, outras demandas foram chegando. Como a roda punk das mulheres.

Chaene da Gama: Essa semana mesmo uma mulher de 42 anos, ela falou assim: "A primeira roda que eu vou na minha vida. Eu sempre quis ir numa roda e foi a primeira e foi no show do Black Pantera." E aí, velho, um show que você não faz, elas te cobram, cara. Elas já estão na segunda música pedindo: "Cadê a roda das meninas?"

Gilberto Porcidonio: Apesar do sucesso que esse momento do show do Black Pantera faz, vale dizer que não foram eles que inventaram a roda das minas, como eles chamam. A inspiração veio do Devotos, uma banda de punk hardcore de Recife. Eles começaram a fazer isso lá nos anos 90.

Canibal: O movimento punk, o rock naquela época era uma coisa muito machista, né?

Gilberto Porcidonio: Esse é o Cannibal, vocalista e baixista do Devotos.

Canibal: Então as mulheres que tavam era ou embaixo do palco, sempre aplaudindo, ou era a namorada de algum baterista, ou de algum algum músico da banda, ou alguém que curtia também rock, mas ia e gostava e tal. Mas nunca aquela coisa de maioria. Uma coisa grande e tal. Você via poucas mulheres na roda, aliás, quase nenhuma na roda você via. Um ou dois assim tal, e o lugar cheio de mulheres. Então a coisa não era muito convidativo, não era uma coisa muito convidativa. E foi aí que eu não me lembro o ano, mas eu acho que foi 99 ou foi 2000, a gente fez um show – esse show está até no YouTube do Devotos – foi a primeira vez a gente fez uma roda punk com as meninas. E a gente avisou disso, “ó, as meninas podem pogar quando elas quiserem, na música que elas quiserem, mas essa música aqui é só para elas. Vamos respeitar”.

Gilberto Porcidonio: O nome dessa música é "Roda punk". E o link pro vídeo que o Cannibal falou tá no site da Novelo.

TRECHO DA MÚSICA RODA PUNK

Se entrar com maldade, melhor nem entrar / A roda é da paz, não queremos brigar / Se entrar com maldade, Melhor nem entrar A roda é da paz E não queremos brigar

Canibal: E foi uma loucura, assim. E putz, aí foi que eu senti a necessidade que eu via de que elas queriam estar dentro de uma roda. Alguns entravam mesmo dentro da roda que estava os homens, mas tinha muitas, uma maioria muito grande, que tinha vontade de entrar e tinha medo.

Gilberto Porcidonio: No vídeo dá pra ver as minas se divertindo lá no meio. Mas, pra algumas pessoas, as rodas só de mulheres não são uma solução definitiva.

Natália Matos: Provavelmente essas mulheres não entram nas outras músicas porque realmente não se sentem protegidas pela quantidade de homem querendo se matar ali no meio, querendo mostrar toda a sua testosterona, aí não entra.

Gilberto Porcidonio: Essa é a Natália Matos.

Natália Matos: Eu sou a Natália Matos, eu sou vocalista da Punho de Mahin...

Gilberto Porcidonio: A banda Punho de Mahin tem esse nome porque homenageia a Luíza Mahin, a revolucionária abolicionista que muito possivelmente era a mãe de outro herói negro, o Luís Gama.

A Natália tá no movimento punk desde os anos 2000. E a Punho nasceu em 2018 já nessa pegada de questionar o que quer que seja. Principalmente questões de gênero. E, mesmo sendo essa uma bandeira da banda, a Natália me contou que já sofreu assédio até em cima do palco.

Natália Matos: Uma vez eu estava tocando no interior, com a outra banda, e tava aquele pogo assim, sabe, daora. A gente não parava, emendava uma música na outra e tava demais, tava incrível. Só que aí teve uma hora que um cara que tava assim na minha frente foi bateu o microfone no meu dente – bateu na minha mão que bateu com o microfone no dente – e eu falei, "ai!". A segunda vez eu falei "aaai", eu fiquei... A terceira vez, ele veio com as mãos assim, nos meus peitos. Aí eu já larguei o microfone, os caras continuaram a tocar, eu desci do palco e bati nele. Aí pedi pros caras da casa colocarem ele pra fora, senão eu não ia continuar.

Gilberto Porcidonio: Pra ela, criar uma roda só pras mulheres não resolve o problema, que tá mais fundo.

Natália Matos: Eu gostaria que não precisasse fazer esse chamamento pra que elas estivessem ali no meio. Não tem necessidade porque parece que cria uma exclusividade para uma única música para que todas estejam ali na

frente. Eu quero que todas estejam ali o tempo todo. O tempo todo em todas as músicas. Não é uma crítica, sabe? Não estou apedrejando as bandas por fazerem isso. Mas é que, na minha visão, não deveria ser numa única música. Esse respeito tem que ter, sim, no show inteiro.

Gilberto Porcidonio: Muitas vezes, na minha pobre análise, isso se assemelha um pouco com o que a gente vê aqui, que tem no Rio, o metrô, o vagão exclusivo para as mulheres de metrô. Questionam muito é: por que que em vez de combater isso, por meio de policiamento, de política pública, de coisas...

Natália Matos: Pois é, tem que reservar um vagão exclusivo para que essas mulheres entrem e se sintam minimamente seguras. Mas, realmente, isso ajuda. Nesse caso, ter um vagão exclusivo ajuda pra caramba, então é um acolhimento mínimo. Mas o certo mesmo é que esse tipo de violência não exista em nenhum vagão, em nenhum ambiente de trabalho, em nenhum lugar.

Gilberto Porcidonio: Você vê também que a roda das mulheres seria esse mínimo do mínimo, assim também?

Natália Matos: Mínimo, mínimo, é o mínimo acolhimento, né? Porque se essas mulheres não entram em outros momentos, em outras músicas... Porque sabe que alguém pode passar a mão, porque sabe que pode levar um murro ali de graça, por conta da testosterona alheia.

Gilberto Porcidonio: Se a gente para pra pensar bem nessa comparação, a gente acaba voltando numa coisa que eu comentei lá atrás. Porque bom, as pessoas entram no metrô todo dia porque elas precisam ir de um lugar pro outro. Mas toda a ideia de entrar numa roda punk é justamente se sentir livre, como disse a Fefa mais cedo – aquela minha amiga que se machucou feio numa roda anos atrás.

Ou seja, se gente que queria tá dentro da roda tá ficando de fora da roda, esse bololô humano tá falhando na sua função mais básica. Essa é uma das coisas que sempre me incomodaram desde que eu comecei a curtir os espaços de rock no finzinho dos anos 1990.

Era: como é que pode ter machismo, racismo, homofobia e pressão estética dentro de uma cultura que criou justamente uma espécie de zona de conforto pra pessoas que queriam fugir de tudo isso?

Mas isso tem mudado. Aos poucos, mas tem mudado. As regras da roda punk não são escritas em lugar nenhum, mas elas existem. Se alguém tropeça e cai, por exemplo, é natural que todo mundo pare de se mexer e ajude a pessoa a se levantar. O mesmo vale no caso de alguém passar mal ou se machucar. A existência da roda das mulheres, assim como a necessidade de se frear os abusadores nesse meio e em qualquer outro, mostra que essa construção é constante. Porque roda punk, apesar de parecer, não é bagunça. E ela pode ser até uma metáfora para essa roda viva que é a vida.

Muita gente não sabe, mas a roda punk é uma criação negra. Quer dizer, muita gente acabou reivindicando a paternidade da roda. Mas uma das versões mais aceitas diz que o batismo dela veio da banda americana Bad Brains.

Em inglês, o termo é moshpit, ou a arena de mosh, numa tradução bem rápida. Dizem que quando a Bad Brains tocava, o vocalista – o H.R. – ficava berrando "smash", ou "mash", quando queria que as pessoas agitassem mais. Por causa do sotaque jamaicano dele, as pessoas entendiam "mosh" no lugar de "mash". Daí esse virou o nome dessa dança que todo mundo fazia quando ia ver o grupo.

Branca Vianna: Quando você está lá dançando, o que que isso te proporciona? Como é que é a sensação?

Gilberto Porcionio: A sensação é de que eu estou dentro do som. Engraçado (risos). Eu sinto que eu sou praticamente uma daquelas cordas da guitarra ou uma daquelas peles do tambor que estão reverberando ali. E que eu estou dentro dessas ondas sonoras e que está todo mundo do meu lado na mesma energia. É uma experiência que se aproxima do místico. Fazendo algo pensado, em conjunto, todo mundo na mesma energia, na mesma sintonia. Então, para mim, o legal de estar dentro de uma roda punk ou de uma roda de pogo é estar sintonizado com todo mundo ali que tá dançando igual, que nunca se viu e que tá se encostando, tá se abraçando, tá trocando

energia, está cantando a música junto. Então isso é uma coisa que, pra mim, é muito bonita isso tudo.

Branca Vianna: Esse foi o Gilberto Porcidonio, colaborador da Rádio Novelo.

Essa semana, a gente tá contando histórias sobre os estranhos espaços que são separados pras mulheres na sociedade.

Mas não só mulheres... ou não exatamente mulheres. Meninas. Que, nesse contexto que a gente tá falando, normalmente são mulheres mesmo. Elas só são chamadas de meninas.

No primeiro ato, o espaço reservado era uma roda no meio do mosh pit. Mas no segundo, ele parece mais com uma torre no meio da floresta.

ATO 2

Branca Vianna: Um tempo atrás, a Tati foi assistir a uma peça.

Tati Pasquali: Um dia descobri que ia ter uma peça de teatro no Jardim Botânico.

Branca Vianna: Não era a peça dos sonhos dela, mas naquela altura do campeonato, qualquer diversão tava valendo.

Tati Pasquali: Que era Rapunzel. Tá bem, Rapunzel...

Branca Vianna: Era o ano dois da pandemia, ela tinha um filho de dois anos, e o tédio era tanto que ela tava topando qualquer entretenimento.

Tati Pasquali: Sem graça nenhuma. Mas vamos lá, porque era o que tinha.

Branca Vianna: Peça infantil ao ar livre, expectativas baixas.

Tati Pasquali: Fomos eu e meu companheiro e o Caetano, que na época tinha dois anos.

Branca Vianna: A Tati notou uma primeira coisa curiosa na peça: o elenco.

Tati Pasquali: Não tinha uma atriz no elenco. Eram todos homens. Homens vestidos de mulher. Tinha um homem vestido de Rapunzel. Tinha um homem vestido de fada...

Branca Vianna: Que nem na época do Shakespeare, quando mulher não podia subir no palco. Bem retrô.

Tati Pasquali: Daqui a pouco eles começam a falar da bruxa. Vai surgir a bruxa, aí vai surgir a bruxa. "Eu tenho medo da bruxa porque a bruxa é macumbeira". Eu estou vendo você assim. Calma que piora. Eis que surge mais um ator vestido de mulher fazendo sotaque de português do Brasil.

Branca Vianna: Faltou dizer isso. A peça que a Tati foi assistir foi montada no Jardim Botânico Tropical de Lisboa. E, nessa montagem, a vilã, a bruxa que prende a Rapunzel numa torre, era brasileira.

Tati Pasquali: A bruxa da Rapunzel era uma bruxa macumbeira brasileira. Branca... Eu fiquei branca, eu fiquei roxa, eu fiquei amarela, azul, verde com bolinha cor de rosa. Eu só não fui embora porque eu queria ver onde aquilo ia dar. E vi até o final. Mas eu saí de lá em prantos, com ódio no coração de ter feito meu filho assistir uma peça de teatro onde a bruxa era uma bruxa macumbeira brasileira.

Branca Vianna: No conto de fadas, a bruxa tenta separar a Rapunzel do príncipe, mas não consegue. Acaba derrotada, destruída.

Rapunzel é uma história que tá sendo contada há muitos séculos. Na verdade, ela é só mais uma encarnação de uma história-base ainda mais antiga, que foi catalogada como um arquétipo dentro dos estudos do folclore. É a história da "Donzela na Torre". Uma moça é presa, isolada da sociedade, e tenta fugir. Tem

versões da história em que ela consegue. E tem versões em que ela morre, vira mártir. O que tem de constante são esses elementos: a torre, a prisão, a mulher. A partir daí, cada sociedade, em cada momento histórico, acrescenta alguns detalhes, dá o fim que ela acha que tem que ter. E, naquela peça infantil, em agosto de 2022, o detalhe acrescentado por aquela companhia portuguesa era de que a bruxa era brasileira.

A Tati ficou tão revoltada – não só pelo racismo e pela xenofobia – mas também porque naquela montagem daquela história antiga, ela viu o eco de outra história.

Tati Pasquali: No Brasil, essa história é muito pouco disseminada. Ninguém conhece essa história no Brasil.

Branca Vianna: Mas do outro lado do Atlântico, ela virou quase uma lenda. E ela tá assombrando a Tati há anos.

Tati Pasquali: Quando eu cheguei em Portugal, em 2017, eu ouvi falar dessa história. Porque é isso, todo mundo conhece.

Branca Vianna: Faltou dizer que a Tati é atriz. O nome dela completo é Tati Pasquali. E a história que ela quis mandar daquele lado de lá do oceano pra esse aqui é geralmente conhecida como "o movimento das Mães de Bragança".

Tati Pasquali: Final dos anos 90, início dos anos 2000, havia em Portugal muitas mulheres... que eram trabalhadoras do sexo, que vieram do Brasil pra cá com essa finalidade de trabalhar na noite, né, vamos dizer assim. Em Portugal chama-se "casa de alterne".

Branca Vianna: Eu queria saber o que quer dizer esse verbo alternar aí em Portugal. Porque no Brasil simplesmente significa substituir uma coisa pela outra ou trocar.

Tati Pasquali: E eu nem conhecia, essa foi uma expressão que eu conheci aqui. O alternar, a casa de alterne é uma casa de prostituição, são as casas de subir que eles chamam ou bares de subir, porque na maioria deles os quartos ficavam em cima do bar. "Alternar" é tomar um copo com o cliente,

fazer eles pagarem – e elas ganhavam dinheiro em cima da venda de bebidas também, então elas acabam usando isso como subterfúgio para não assumir que havia ali um trabalho sexual.

Branca Vianna: Um detalhe importante: em Portugal, assim como no Brasil, se prostituir não é crime.

Tati Pasquali: Uma prostituta não vai ser presa por estar vendendo o corpo. Uma trabalhadora do sexo não é presa por isso. Uma pessoa ganhar dinheiro em cima de outra pessoa que está trabalhando com sexo, isso é crime.

Branca Vianna: Então, estamos no começo dos anos 2000, com mulheres brasileiras fazendo trabalho sexual em Portugal. Mas vamos dar um zoom no mapa, porque o palco da nossa história é uma cidade no norte do país.

Tati Pasquali: Esse lugar específico de Portugal que é Trás-os-Montes, e essa cidade especificamente que é Bragança...

Branca Vianna: Bragança era, e é até hoje, uma cidade pequena, de uns 30 e poucos mil habitantes, que é uma cidade pequena, que tem, acho que não tem nem 30 mil habitantes.

Tati Pasquali: Ali aconteceu um boom. Ali aconteceu um movimento mesmo muito forte dessa chegada dessas mulheres, principalmente porque havia um empresário da noite que abriu uma mansão, uma casa gigantesca no topo de uma colina onde tinha mais de 30 quartos.

Branca Vianna: O nome dessa casa de alterne era Montelomeu. E ela realmente não era nada discreta... Chegou até a patrocinar o time de futebol local.

Jornal Local: A imagem de marca do patrocinador ainda não chegou às camisolas dos jogadores do Bragança, mas publicidade não lhe tem faltado. O inédito da situação está a provocar comentários por toda a cidade...

Branca Vianna: A Montelomeu era a maior, mas não era a única casa de alterne. A olhos vistos, Bragança tava se transformando.

Tati Pasquali: Chamou muita atenção numa cidade muito pequena. Estima-se que ali havia em torno de 300 mulheres brasileiras trabalhando – o que, para uma cidade pequena, é muito.

Branca Vianna: Isso em qualquer cidade pequena de qualquer país ia causar tumulto. Mas, além de tudo, Bragança é uma cidade muito católica.

Tati Pasquali: Qualquer lugar que você vai naquela cidade, você vai ver a igreja, você vai ver cruzeiros, você vai ver imagens de santos e tudo mais. E elas eram voluptuosas e bonitas e produzidas, e salto alto e maquiagem, frequentavam cabeleireiros, elas e elas renderam muito dinheiro à cabeleireira da região.

Branca Vianna: A Montelomeu abriu em 2002. E, no começo de 2003, logo depois da Páscoa, começou uma pequena revolta. Quatro mulheres, quatro mães da cidade, deram o pontapé.

Tati Pasquali: E aí elas começaram, essas quatro mães, que foram as precursoras do movimento, iniciaram um abaixo-assinado. Elas escreveram uma carta que é [ri] não sei se você teve a chance de ler o manifesto. Eu acho que aquilo não serviria nem pra conseguir uma assembleia de condomínio. Elas conseguiram fazer uma revolução com a carta.

Branca Vianna: Eu pedi pra Tati ler essa carta pra mim.

Tati Pasquali: Eu adoro essa carta. “Pedimos desculpa pela ousadia que tomamos, dirigindo-nos à Vossa Excelência no sentido de ser o nosso porta voz, de nos ajudar a minimizar o flagelo que se abateu sobre Bragança e, em particular, nos nossos lares”.

Branca Vianna: O abaixo-assinado é datado do dia 29 de abril de 2003. E, nela, esse grupo de mulheres anônimas de Bragança pede algum tipo de intervenção.

Tati Pasquali: “Somos agora invadidas e fustigadas por dezenas de prostitutas aquarteladas em boates, mesmo durante o dia, em bairros residenciais, em todo canto e esquina da nossa cidade.”

Branca Vianna: Não fica muito claro quais providências que elas querem que sejam tomadas, nem quem tomaria essas providências. Elas só querem que alguém dê um basta no que tá acontecendo. Porque, segundo elas, as brasileiras tinham ido longe demais.

Tati Pasquali: “Porque elas vieram aliciar os nossos maridos com falinhas meigas, canas de açúcar e droga à mistura. Sabemos que desde o início dos tempos sempre houve prostituição, mas o que está a acontecer em Bragança é uma autêntica onda de loucura e tem que ser combatida e travada.”

Branca Vianna: “Falinhas meigas, canas de açúcar e droga à mistura”. Quase parece uma carta contemporânea da do Pêro Vaz de Caminha.

Tati Pasquali: E elas assinam esse manifesto como “Mães de Bragança”. E aí é que elas se tornam o Movimento Mães de Bragança. Essas mulheres, as mães de Bragança, alegavam que os maridos delas tentavam deixar de ir às casas de alterne, mas não conseguiam. Então eles estavam drogados. Elas diziam que as mulheres faziam mezinhas ou drogavam esses homens porque virava a cabeça deles.

Branca Vianna: Ou era droga, ou era bebida, ou era mezinha – que é um jeito de se referir a fazer uma amarração, uma simpatia. Ou seja: mais xenofobia com pitadas generosas de racismo.

Bom, tinha essa carta, que era assinada por várias mulheres locais... E talvez tivesse ficado só nisso – mais um abaixo-assinado entre tantos. Mas não foi isso que aconteceu.

Tati Pasquali: Existia uma jornalista lá que é a Helena Fidalgo, e ela conta muito bem essa história, que ela já queria noticiar, essa quantidade de mulheres brasileiras que andavam ali nessas casas. Ela já queria há muito

tempo noticiar aquilo, mas não tinha uma razão, sabe? Qual é o grande mote dessa reportagem? As prostitutas em casas de alterne? Não tem grande efeito midiático. Só que aí uma das mães de Bragança que iniciou esse movimento era conhecida dela, e procurou ela para contar e mostrar essa carta. E aí essa jornalista, com essa carta, com esse movimento, consegue uma pauta no jornal onde ela trabalhava... e aí ela faz a matéria. E aí começa...

Jornal Local: Queixam-se de terem os lares destruídos pela invasão de imigrantes, sobretudo brasileiras, que alegadamente se dedicam à prostituição.

Branca Vianna: Saiu num jornal, depois outro...

Tati Pasquali: Até que chega na revista Time, que é a Time europeia. Essa história sai na capa da revista.

Branca Vianna: O título da matéria era: “When the meninas came to town”, ou “Quando as meninas...” – assim, em português, “meninas” – “chegaram na cidade”. Lá em Bragança as brasileiras eram conhecidas assim, por “meninas”. E a manchete na capa era: “Europe’s New Red-Light District” – quer dizer: “O novo ‘bairro da luz vermelha’ europeu” – em referência à famosa zona de meretrício de Amsterdã.

Jornal Local: Bragança é o novo bairro europeu da prostituição. A manchete é da edição europeia da revista norte-americana Time, que dedica a capa em sete páginas às brasileiras que invadiram Bragança.

Branca Vianna: Além da manchete, na capa tinha a foto de uma mulher, sob uma luz vermelha, usando um vestido bem justo – e parada no meio da Praça da Sé de Bragança, em frente à antiga catedral.

Mais tarde, o fotógrafo assumiu que a foto foi armada – porque as trabalhadoras do sexo da cidade ficavam dentro das casas de alterne, não daquele jeito, na esquina – e muito menos na frente da catedral.

Tati Pasquali: Tanto a jornalista quanto o fotógrafo dizem: "Não, isso nunca existiu. Elas nunca estiveram na rua".

Branca Vianna: Mas de qualquer forma, a capa caiu que nem uma bomba.

Tati Pasquali: As rusgas existiam, sempre batia a polícia nas casas de alterne, sempre. Isso sempre aconteceu. Mas como aquela, foi depois da Time mesmo. Agora faz 20 anos, finais de 2003 foi quando saiu a capa da Time... Em fevereiro de 2004, foi quando, no dia dos Namorados, dia 14 de fevereiro de 2004, foi quando as casas de alterne foram fechadas pra sempre.

Jornal Local: A megaoperação policial coordenada pelo Ministério Público foi realizada em simultâneo nos três maiores bares de alterne da cidade – praticamente os únicos que ainda funcionavam.

Branca Vianna: O dono da Montelomeu foi acusado de lenocínio – quer dizer, cafetinagem, de lucrar com o trabalho sexual de outra pessoa – e atmbém de facilitar imigração ilegal. Ele passou anos fugido, mas depois acabou cumprindo a pena, e hoje já tá solto.

Tati Pasquali: Até hoje existe casa de alterne em todas as cidades de Portugal, menos em Bragança. Nunca mais abriu uma casa de alterne em Bragança. Estão todas em ruínas até hoje.

Branca Vianna: Foi essa a história que a Tati ouviu quando ela se mudou pra Portugal. A saga das mães de Bragança, que derrotaram as invasoras brasileiras e varreram as casas de alterne da terra delas.

Tati Pasquali: E aí fui ler sobre esse assunto e vi que o preconceito contra a mulher brasileira potencializou depois desse caso. Então comecei a ler de curiosidade. Havia aquelas reportagens muito superficiais dessas trabalhadoras do sexo. Mas não havia um aprofundamento sobre quem elas eram, por que elas estavam aqui? O que que você vai fazer? Como é que era a realidade?

Branca Vianna: Na época, a Tati tava num curso de direção de cinema.

Tati Pasquali: Então eu fiz um documentário pra tentar entender o outro lado. Esse meu primeiro projeto foi pra tentar entender o lado das brasileiras.

Branca Vianna: Ela e um colega, o Bruno Moraes Cabral, foram até Bragança tentar mapear essa história melhor. Eles entrevistaram a família por trás da Montelomeu, falaram com várias trabalhadoras do sexo, e ainda tão querendo fazer uma série documental sobre o caso.

Nas conversas que eles tiveram, uma coisa ficou clara: a história que era contada era sempre das mães de Bragança versus as meninas brasileiras. Mas, pesquisando, eles entenderam que tinha mães dos dois lados.

Tati Pasquali: A maioria veio de Goiás. Mas tinha de Vitória no Espírito Santo. Tinha do Rio de Janeiro também. E a maioria delas vinha de uma situação precária. Eram mães solo.

Branca Vianna: Uma questão que sempre surge, quando a gente pensa na vulnerabilidade das profissionais do sexo, é: quanto que essas mulheres têm controle sobre a própria situação. Vale dizer que, nessa operação policial, nas três casas, não tinha nenhum indício de que as mulheres tivessem sendo presas ali, impedidas de sair de alguma forma. E, nas conversas que a Tati teve, também não surgiu nenhum indício de que houvesse coerção.

Tati Pasquali: Ninguém obrigou elas a nada. Vieram porque quiseram. Não estão fazendo mal a ninguém. Estão fazendo o trabalho delas, que elas acham que é justo. Estão ganhando dinheiro com elas, estão enviando dinheiro pro Brasil. Elas usavam aqui, gastavam com elas, faziam o que tinha que fazer, e sustentavam os filhos no Brasil, pagavam alguém para cuidar dos filhos do Brasil. Estavam ali cuidando da vida delas.

Branca Vianna: Cuidando da vida delas – mas de um jeito que acabava afetando a vida das mulheres bragantinas.

Tati Pasquali: São mães de família numa cidade católica interiorana. Elas cresceram, foram educadas pra se casar, casaram, tiveram filhos, cuidam da casa. E é um trabalho full time. É um trabalho 24 horas por dia. A gente sabe, a gente cuida, quem cuida de casa, quem cuida da casa, quem cuida do filho e trabalha. A gente sabe que é um trabalho duro. De repente, esses homens deixam de entregar o dinheiro pra família e passam a gastar o dinheiro na casa de alterne. De um lado você tem essas mães de Bragança, e do outro lado você tem estas mulheres brasileiras. Se você for olhar pra realidade delas, elas estão— cada uma tá na sua realidade dura, batalhando pela sua vida, e pela sua família.

Branca Vianna: Isso foi o que a Tati viu na investigação dela. Mas, em Portugal, dá pra dizer que a memória dessa história ficou um pouco parcial prum lado.

Tati Pasquali: Tudo o que se falava sobre o assunto, falava da perspectiva das mães, que as mães saíram como grandes vitoriosas, as vencedoras. Elas encerraram as casas de alterne, elas mandaram aquelas mulheres embora.

Branca Vianna: Numa época de crescente imigração brasileira, a vitória do movimento das Mães de Bragança foi encarada como uma nova Reconquista do território, a Reconquista do século 21. Como o momento em que as portuguesas retomaram o território delas. E elas fazem o que podem pra manter a memória desse movimento viva.

Tati Pasquali: Olha que engraçado, eu sou atriz, né? E, aqui, falando essa coisa toda dos estereótipos da mulher brasileira em Portugal... Coincidentemente, no mesmo dia que eu voltei da primeira viagem a Bragança, eu recebi um telefonema da minha agência me chamando pra fazer uma participação numa novela... como prostituta. Era o papel como prostituta. E eu: "Claro, vamos lá". E fiz uma participação na novela. Entrei em quatro ou cinco episódios.

Tati - Alma e Coração: Parece que o patrão gostou de você.

Jovem Prostituta: E o que é que quer dizer isso?

Tati - Alma e Coração: Você vai ficar com os melhores clientes. Não fica assustada. Já já você se habitua. É só fazer tudo o que te mandam.

Tati Pasquali: Isso em 2018. Final de 2018 ainda, eu recebo outro telefonema da minha agência, da mesma agente. Me dizendo que uma produtora ia produzir uma série de ficção baseada na história das mães de Bragança. E tava me chamando pra fazer o papel de uma prostituta brasileira de Bragança.

Branca Vianna: A Tati acabou topando – e rolou.

Tati Pasquali: Luz Vermelha, foi ao ar na RTP1, final de 2019, e começo de 2020.

Branca Vianna: Tá aqui uma cena da personagem da Tati conversando com outra trabalhadora do sexo, justamente sobre essa treta com as mães de Bragança.

Andreia: As mulheres na rua acusam-nos de ser putas. Elas também não são putas, não vivem à custa dos maridos, não é?

Tati - Luz Vermelha: Mas elas têm que ouvir os roncos deles. Você já pensou nisso, Andreia?

Andreia: E aturar as mães deles.

Tati - Luz Vermelha: Meu amor, não tarda nada, a gente vai cantar pra subir daqui, tá? A gente pega o nosso dinheirinho e vaza. Agora elas, não. Elas vão ter que ficar porque elas têm a sepultura delas cavada sete palmos pra debaixo da terra.

Branca Vianna: Era como se a Tati estivesse entrando cada vez mais dentro da história.

Tati Pasquali: Entre a novela e a série, foi onde eu comecei a me relacionar com o meu atual companheiro. Cuja ex-mulher é de Bragança.

Branca Vianna: Foi aí que as coisas começaram a ficar um pouco reais demais.

Tati Pasquali: Quando eu vi isso tudo acontecer comigo, eu, tipo: "Caralho, é real", sabe? Porque a gente vê essas coisas, a gente ouve falar essas coisas, a gente sempre acha que tem um dedinho de exagero, né? A gente sempre acha que alguém foi lá, e é um telefone sem fio. A mulher foi contando a história, aquilo foi aumentando, aumentando, aumentando. Quando aconteceu comigo, eu falei: "Não, cara, não é exagero, não tem exagero nenhum, é ipsis litteris".

Branca Vianna: Quando a Tati conheceu o atual companheiro dela, ele tava se separando da mulher, já no processo do divórcio. Mas, na narrativa dela, a Tati entrou quase como uma bruxa brasileira.

Tati Pasquali: Eu fui acusada de ter roubado esse português, roubei e também fui acusada de drogá-lo. Eu fui acusada de drogá-lo tanto pela ex-mulher dele quanto pela mãe dele. Eu fui acusada de me "colocar por baixo dele". Eu fui acusada de colocar drogas na bebida e na comida. Eu fui chamada de "macumbinha", fui acusada de ser prostituta.

Branca Vianna: O divórcio já saiu, mas a história não tá pacificada.

Tati Pasquali: A minha sogra, ela nunca falou comigo. Ela sempre falava com o meu companheiro. Ela nunca falou comigo, tanto que ela não conhece o neto.

Branca Vianna: Mas não é só nessa relação familiar que a Tati sente a xenofobia na pele.

Tati Pasquali: A gente mudou de casa várias vezes, né, e aí sempre que a gente muda de casa, eu faço a pesquisa e mando o telefone pro meu

namorado, tipo: "Ó, liga lá". Eu nunca sou eu que ligo, porque muita gente se recusa a alugar apartamento pra brasileiro, sabe?

Branca Vianna: E claro que ela não tá sozinha.

Tati Pasquali: Tem grupos aqui de brasileiros em Portugal, no Facebook, que você vê esse tipo de relato o tempo todo. Eu já tive uma amiga que foi tentar fazer carinho num cachorro. A mulher esculachou com ela porque disse que brasileira não mexia no cachorro dela.

Branca Vianna: Claro que não dá pra atribuir todo o preconceito contra brasileiras e brasileiros em Portugal a um incidente que aconteceu numa cidade pequena vinte anos atrás. A Tati não tá dizendo isso. A xenofobia tem mil fontes. O racismo e a misoginia também. Mas o que não dá pra negar é o poder de uma história. Essas histórias que não vão embora. Que só ficam arrumando novos personagens, novos cenários. Novas oportunidades para serem reencenadas.

Tati Pasquali: E tem essa coisa, né. Outro dia eu fiz de novo um teste para um papel de prostituta. Mas dessa vez era um filme, era um longa-metragem. Não fiquei com o papel. Eles escolheram outra pessoa, mas eu já ia para o terceiro trabalho como prostituta brasileira em Portugal. Isso é mesmo... Eu não me importo nem pouco, tá? Eu adoro fazer tudo. E acho que dar vida a uma trabalhadora de sexo na ficção é delicioso. Eu adoro. Mas tem isso, cara... Tem mesmo isso.

Branca Vianna: Obrigada por ficar com a gente até o fim de mais um Rádio Novelo Apresenta.

No post desse episódio no nosso site, tem a carta inteira das mães de Bragança e links pros vídeos das rodas que a gente mencionou. E você pode aproveitar que você tá lá no site pra dar uma olhada na seção "envie uma pauta", que é onde a gente explica como mandar sugestões de histórias pra gente.

Os episódios do Rádio Novelo Apresenta são disponíveis nos principais aplicativos de áudio. Você pode seguir a gente no Spotify, no Apple Podcasts, e no Amazon Music. Na Deezer, é só favoritar. Também dá pra se inscrever no Google Podcasts, no Castbox e no canal da Rádio Novelo no YouTube.

E não esquece de seguir a Rádio Novelo no Twitter e no Instagram, no @radionovelo, e marcar a gente sempre que for recomendar ou comentar algum episódio.

O Rádio Novelo Apresenta é um original da Rádio Novelo. A gente tem o apoio da Open Society Foundations. Tem episódio novo toda quinta-feira.

A direção criativa é da Paula Scarpin e da Flora Thomson-DeVeaux, e a produção executiva é do Guilherme Alpendre.

A gerência executiva é da Marcela Casaca e a gerência de produto é da Juliana Jaeger.

Nossos produtores sênior são o Vitor Hugo Brandalise, a Évelin Argenta, a Bia Guimarães e a Sarah Azoubel.

As produtoras da nossa equipe são a Bárbara Rubira, a Natália Silva, e a Júlia Matos.

A checagem deste episódio foi feita pela Luiza Silvestrini.

Neste episódio, a gente usou música original de Pedro Nêgo, e também da Blue Dot.

A mixagem é do Pipoca Sound.

O desenvolvimento de produto e audiência é feito pela Bia Ribeiro.

O design das nossas peças essa semana foi feito pela Natasha Gompers e pelo Gustavo Nascimento.

E a nossa analista administrativa e financeira é a Thainá Nogueira.

Obrigada, e até a semana que vem.